

ASPECTOS ANTROPOLÓGICO – SOCIAIS DO RELATIVISMO ÉTICO*

Luis Aaron Lazzaro

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

INTRODUÇÃO

Ética é uma parte integrante da Filosofia Social que se ocupa com as manifestações valorativas das comunidades sociais, as quais podem estar em relação direta com o grau de desenvolvimento cultural do grupo social. A sua vez, entendemos que a Antropologia Social faz parte dos diversos tópicos de interesse da própria Filosofia Social, não só por aportar antecedentes para suas conclusões, mas também porque ao chegar ao ponto de análise pretende encontrar generalizações dos fatos sociais e culturais que atinjam a todos os homens. É ali que a Antropologia Social começa a adquirir suas máximas características teóricas, ficando além da reflexão antropológica tradicional, para se iniciar no campo amplo e irrestrito da Filosofia.

Para cumprir nosso objetivo de evidenciar quão próxima da Filosofia encontra-se em determinados casos a Antropologia Social é que intentamos confrontar duas situações relacionadas com a cultura: na Filosofia Social, o controvertido tema do “relativismo ético”; e na Antropologia Social os interessantes postulados do “relativismo cultural”. Foi devido a ter encontrado muitos pontos em comum em ambos os “relativismos”, o que nos levou a aprofundar nossa reflexão na Ética e no estudo da cultura humana.

1. O RELATIVISMO ÉTICO E A CULTURA.

Já nas comunidades mais simples é o fenômeno ético parte importante do processo de socialização, encontrando-se nele as vinculações entre os conceitos morais e a realidade humana-social, o que vai constituindo o sentido de cultura do grupo social, em sua dimensão mais significativa para o desenvolvimento das características próprias; justamente aquelas que o levarão a se diferenciar de outros grupos. Neste caso é a Antropologia Social quem vai revelar a influência dos fatores do ambiente social e físico nos aspectos valorativos e propriamente éticos, assim como nos culturais.

Ao final, o que é que é “cultural”, “social” e “valorativo” ? Não são simplesmente derivados do complexo de ações de desenvolvimento de todo grupo social ? Não estão representados neste processo evolutivo, e adequadamente concatenados, os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos que irão contribuir para a formação da carac-

(*) Trabalho baseado no projeto de Tese de Mestrado em Filosofia Social apresentada à PUCC.

terística intrínseca do grupo, que é denominado globalmente como “cultura” ?

O que acontece é que para facilitar seu estudo e compreensão, esses aspectos do desenvolvimento de uma cultura são divididos, embora não se pretenda com essa divisão isolar um de outro, devido a sua estreita vinculação. É assim que não poderemos chegar à compreensão total dos aspectos éticos sem levar em conta os antecedentes próprios da organização social e política, assim como o fator ecológico e o aproveitamento dos recursos materiais que irão configurar sua estrutura econômica. Esses aspectos, englobados todos como “culturais”, e com sua inter-relação é que produzirão os rasgos especiais que poderão ser considerados, ou não, segundo o caso, como aspectos “relativos” da cultura, tanto os “éticos” como os “culturais”.

Eminentes antropólogos afirmaram que a cultura “é estática, mas ao mesmo tempo é dinâmica”, querendo assim demonstrar paradoxalmente que o fundo cultural permanece enquanto também permaneçam os fatores condicionantes que constituem determinado “ambiente social”, conformando as respostas do grupo às necessidades econômicas e políticas, todas elas devidamente reconhecidas como “sociais” ou “culturais”. Uma vez modificadas estas, teremos a resposta “dinâmica” da cultura, impulsando o grupo social a se adaptar às novas condições. Como acontece que nenhum grupo social pode ser idêntico a outro, nele sempre encontraremos algumas diferenças valorativas, as que podem ser consideradas “culturais”, as relacionadas como os aspectos materiais que influenciam o comportamento; e outras, já de caráter imaterial, também em relação com o comportamento, mas de índole exclusivamente “valorativa”; seja designada como ética ou como moral.

As próprias condições da vida humana desenvolvem naturalmente as concepções e os processos morais, os quais, mesmo sendo muitas vezes mais emocionais que intelectuais, vão depender de fatores do ambiente físico e social, ao criar necessidades, dependências e interesses, os que também vão influenciar os conceitos valorativos do grupo. Estas convenções e estes valores, os que diferenciam uma comunidade de todas as outras, chegam a se encontrar em posição de confronto quando surgem em grupos de tradições similares, em âmbitos sociais e ecológicos não muito diferentes, e até espacialmente próximos. Então acontece que algumas comunidades sociais julgam de maneira contraditória o mesmo tipo de atitudes, postulando normas morais diversas diante de situações semelhantes, e formulando juízos valorativos a respeito dos modos de vida diferentes dos seus próprios, baseados na experiência, interpretada por qualquer indivíduo segundo sua endoculturação.

Tais situações são de um claro relativismo, o qual bem pode ser mais "cultural" que "ético", dada a dificuldade em separar ambos os conceitos, embora concordemos com a opinião daqueles autores que pretendem desconhecer a presença do caráter "relativo", dada sua posição que a relatividade não existiria se considerarmos a situação social particular, porque sua conduta só poderia ser julgada certa ou errada apenas no contexto de seu próprio ambiente social¹. As necessidades e os interesses de cada grupo, atendendo seu contexto, estrutura e ambiente próprio, justificariam e tornariam válido todo código de ética social.

Comparando esta posição com o "relativismo cultural", em que similares costumes são encarados de diferentes maneiras pelos diversos grupos sociais, poderíamos estabelecer que os valores éticos, assim como os costumes e as características culturais, são relativos para os diversos grupos, sendo também socialmente válidos. A validade de uma manifestação cultural deve ser a mesma para uma atitude ética determinada, se ambas forem afetadas pelas condições ambientais, necessidades e interesses. Todas as normas morais e todos os padrões de valor são relativos (e arbitrários); nenhuma ordem de valores é superior a alguma outra: todas são igualmente boas ou igualmente desprezíveis. Mas, a luxúria seria sempre justificável ? A embriaguez; a gula; o estelionato também ? Como é que fica então o "relativismo ético" ? Que propõem aqueles antropólogos que defendem a validade do "relativismo cultural" ? Acreditamos que, mesmo sendo igualmente válidos se considerarmos as situações sociais que os produziram, ainda existem certas atitudes que não têm justificação em nenhum grupo social, e são justamente aquelas que podem afetar os padrões básicos da convivência e a íntima estrutura ou coesão do grupo. É o caso do incesto, igualmente rejeitado como indesejável por todos os grupos humanos até agora estudados. Também são desprezadas as atitudes que vão contra o sentimento de propriedade, tais como o roubo, apropriação ou usufruto indevido, a violação da intimidade etc.

Os juízos valorativos estão em relação direta com o grau de desenvolvimento cultural do grupo social, e eles podem evidenciar grande parte dos fatores psicossociais e ambientais que contribuíram para conformar no grupo os princípios éticos e sistemas de valor que constituem sua característica essencial.

No estudo da origem das normas morais e os padrões de comportamento social devemos considerar que não é possível estender determinado comportamento, generalizando-o, a todos os grupos sociais; porém, é necessário levar em consideração os motivos pelos quais essas

normas aparecem tão opostas aos critérios valorativos de outra comunidade.

Vázquez propõe que “dois juízos normativos distintos ou opostos, a respeito do mesmo ato, têm a mesma validade”², por referir-se a determinadas necessidades sociais, as que são perfeitamente válidas dentro do contexto social próprio de cada comunidade em estudo. Seria esta uma validade relativa considerando sua justificação social? “Frente à diversidade de códigos morais que existem nos grupos sociais apresenta-se-nos a dúvida de serem eles originados pela variedade de interesses e necessidades dessas comunidades. Poderemos encontrar a resposta na diversidade de contextos sociais? Podemos aceitar a tese de que os juízos valorativos contraditórios sejam igualmente válidos por surgir também de necessidades e interesses?”³.

2. O RELATIVISMO CULTURAL E A ÉTICA.

Partindo da definição clássica que “a cultura é parte do ambiente feito pelo homem”, temos que nela está contida a aprovação de que a vida dos homens transcorre em dois cenários, o ambiente natural e o social. A cultura é essencialmente uma construção que descreve o corpo total de crenças, comportamento ou conduta, saber, sanções, valores e objetivos que indicam o modo de vida de um povo⁴. Pela universalidade do fenômeno social que constitui o desenvolvimento da cultura humana, a cultura não é um sistema fechado, ou uma constituição de rígidos conceitos formais aos quais se devem adaptar os integrantes de uma comunidade social. Pelo contrário, oferece infinitas variedades, incluso em comunidades de habitat similar, onde as características da estrutura social também correspondem a similares necessidades e interesses do grupo. A cultura representa a resposta do homem comum a suas necessidades básicas. É o modo que tem o homem de colocar-se à vontade no seu mundo. É o comportamento que aprendeu como membro da sociedade. De tal forma se identifica a cultura com a própria vida que se pode dizer perfeitamente não ser ela tanto sobreposta à vida quanto uma extensão da mesma vida⁵. O valor fundamental da cultura é seu caráter social; tudo nela conduz à organização dos seres humanos em grupos permanentes, e nos quais se relacionam por algum acordo, uma lei ou costume tradicional. Obedecendo às normas específicas de sua associação, operando por meio de aparelhagem material que manipulam, os seres humanos agem em conjunto e conseguem assim criar um ambiente secundário: o social⁶.

Se a cultura é o modo de vida de um povo, a sociedade é o conjunto organizado dos seres unidos pelo mesmo sistema de vida. A cultura se revela na maneira como eles se comportam dentro de padrões similares, sendo o comportamento social uma resultante do comportamento cultural. A relação entre o indivíduo e a cultura se dá através do processo de endoculturação, em que ele aprende as formas de conduta

que seu grupo aceita e transmite de geração em geração. A endoculturação continua durante toda a vida do indivíduo e assume verdadeiras características de educação assim como de ensino, processos simples em que se apropriam e manejam a sua cultura. Assim, vai-se conformando a natureza do homem, sob a influência organizadora do meio socializante em que nasceu.

A organização social proporciona a estrutura sobre a qual o indivíduo assume a sua posição em relação às pessoas. Toda sociedade, além disso, desenvolve meios pelos quais controla, isto é, regula, verifica e reprime o comportamento do indivíduo. Em todas as sociedades, a vida social representa para seus membros um equilíbrio incômodo entre as suas obrigações sociais e a satisfação das próprias necessidades. Toda sociedade prescreve as formas que assumirá o acomodamento indicado, em que o desempenho das obrigações sociais se torna mais ou menos compatível com a satisfação das necessidades pessoais⁷. Um padrão cultural, contudo, significa que novas necessidades se impõem e novos imperativos ou determinantes são inculcados ao comportamento humano. Por necessidade se entende o sistema de condições no organismo humano, no meio cultural, que são suficientes e necessárias para a sobrevivência do grupo e do organismo. A imperativos tais como "o comportamento humano, no tocante aos seus preceitos técnicos, legais, costumeiros ou morais deve ser codificado, regulamentado em ação e sanção", corresponde como resposta, simplesmente, o controle social que o grupo, através de seu desenvolvimento, adotou⁸.

Os valores podem ser considerados como objetos culturais, em virtude de suas determinações essencialmente práticas com relação à atividade humana, possuindo sempre conteúdo e significado social em relação ao fundo cultural do qual surgem. Para o estudo cultural dos valores, estes devem ser definidos em termos de comportamento aberto, observável, e fisicamente verificáveis. "O valor não é propriedade dos objetos em si, mas propriedade adquirida graças à sua relação com o homem como ser social. Mas, por sua vez, os objetos podem ter valor somente quando dotados realmente de certas propriedades objetivas"⁹. Aquelas propriedades, que Vásquez menciona como sendo "objetivas", estão caracterizadas como "humanas" por que sua razão de ser está intimamente ligada em relação aos atos dos homens, não podendo existir fora deles. "Dado que não existem em si, mas pelo e para o homem, os valores se concretizam de acordo com as formas assumidas pela existência do homem como ser histórico-social"¹⁰.

O conjunto dos comportamentos que podemos considerar como cultura é bastante flexível, o que caracteriza o aspecto dinâmico da cultura; por isso, identificar os valores reconhecidos por uma comunidade, não significa que necessariamente constituíam um fator constante

no desenvolver da história do mesmo grupo. Se os valores derivam da experiência, que é o resultado do processo de endoculturação, e passam a constituir “normas” ou “padrões sociais”, eles se desenvolverão conjuntamente e na base de uma interdependência das necessidades e dos interesses próprios daquela comunidade social.

Quais são os conjuntos de valores que dão um sentido ao comportamento das pessoas em circunstâncias sociais ? Estes só poderão ser os que o grupo considere como válidos no seu próprio contexto, segundo as necessidades ou interesses do momento, passando assim a constituir padrões de comportamento social que definirão a escolha do certo e do errado, avaliados em função do padrão de valores ou código de moral, em relação ao qual o indivíduo se reconhece na obrigação de cumprir um dever ou de assumir responsabilidade. Os costumes podem ser compreendidos como os padrões morais de um grupo, os “mores”, ou “folkways”, que se consideram capazes de contribuir para o bem-estar do grupo. Todo grupo humano descobriu que certos padrões de ajustamento ao meio (o meio inclui tudo) servem para fazer girar melhor as rodas da sociedade, e esses ajustamentos são incorporados em doutrinas de bem-estar grupal. Tais doutrinas são os costumes do grupo. Pelos padrões que estatuem, dizem ao indivíduo e ao grupo qual é o comportamento certo e qual é o comportamento errado. O indivíduo, então, sabe o que fazer, e a sociedade sabe o que fazer quando ele não o faz¹¹.

3. O RELATIVISMO ÉTICO SOB O PONTO DE VISTA DA TEORIA CIENTÍFICA DA CULTURA.

Se os comportamentos dos homens que pressupõem juízos valorativos, sentimentos éticos ou posições morais, são considerados partes de seu sistema cultural, então, também deve ser possível estudar estas manifestações sob as diversas proposições da Teoria Científica da Cultura. Entre estas é preciso eliminar todas que não apresentam uma relação direta com nosso objetivo de estudo, especialmente o aspecto evolutivo do homem e outras que debatem o problema de raça-cultura, ou a influência dos fatores genéticos no desenvolvimento da civilização. Tomamos de Melville J. Herskovits e Pertti J. Peltó a lista de pontos que eles apresentam em suas obras: O homem e suas Obras e Introdução à Antropologia Social, onde dedicam um capítulo ao estudo da Teoria da Cultura.

1. **Os comportamentos éticos se aprendem.** Pela endoculturação, ou socialização do indivíduo dentro do grupo, este recebe os conceitos de valores, padrões de comportamento social, juízos valorativos e um código moral, aos quais não terá possibilidade de contestar, rejeitar, ou simplesmente, de avaliar. As respostas serão condicionadas ao nível do inconsciente do indivíduo.

2. Os padrões morais de um grupo social derivam dos componentes biológicos, ambientais, psicológicos e históricos da existência humana. O homem segue a linha evolutiva do homo sapiens, e, pela endoreprodução, podem diferenciar os grupos sociais entre uns dos outros, não somente nos aspectos biológicos, mas também nos culturais. A cultura tem-se desenvolvido com o transcorrer do tempo com o crescente potencial das formas físicas do "homo sapiens", e tem compreendido uma contínua adaptação ao habitat cambiante da humanidade. A explicação do comportamento humano é essencialmente unilateral e incompleta, a menos que sejam levadas em consideração as informações sobre as características biológicas, culturais, sociais e psicológicas do homem, juntamente com as informações sobre seu ambiente biofísico.

3. Os comportamentos éticos e os padrões morais estão estruturados. Cada modo de vida segue padrões integrados, de maneira tal que podem funcionar como conjunto. A visão da integração da cultura dá significado a um corpo de costumes para todos os que vivem de acordo com ela. O indivíduo, na medida que vive a sua vida, vai, desde uma fase de sua cultura até a próxima, despreocupado de que sua conduta está determinada por padrões de costumes, que ele aceita, sem perceber que as segue.

4. Os padrões morais e o comportamento ético, pelo fato de serem partes de um sistema cultural, são dinâmicos, pois as mudanças são uma constante no evolver da cultura. Mais lento que outras manifestações culturais, os padrões de comportamento social, os valores e os códigos morais, também estão submetidos a mudanças, que serão introduzidas na medida que vençam as tradicionais resistências dos membros mais antigos. As mudanças podem vir de fora da comunidade, mas só serão aceitas na medida em que estejam de acordo com os padrões pre-existentes. Sofrem, porém, modificação para obter adaptação à sua nova situação cultural.

5. Os componentes éticos são uma variável. Assim como na cultura, a variabilidade nos comportamentos éticos são expressão de sua qualidade dinâmica e dos meios pelos quais se realizam as mudanças culturais.

6. Os comportamentos éticos apresentam uma regularidade que permite sua análise pelos métodos da ciência. Todo sistema cultural é uma série interligada de idéias e comportamentos na qual as variações num aspecto geralmente levam a variações em outros segmentos do sistema. Os valores e os códigos morais são lógicos e coerentes dentro de seus próprios termos, segundo as suposições e conhecimentos básicos da comunidade.

Os padrões de comportamento social e a forma de ver do homem, à medida que se adapta a seu mundo, estão condicionados pela cultura, a qual é um modo de vida total, e não apenas um conjunto superficial de costumes. O estudo deles se torna mais compreensível se é feito em termos das inter-relações sociais entre tipos de "status" individuais e grupais; e suas funções, na ação social, é preciso que sejam examinados de uma perspectiva psicológica e cultural combinada.

4. CONCLUSÕES.

Existe uma identificação entre o relativismo cultural e o relativismo ético, como fenômenos culturais correspondentes a situações criadas a partir de necessidades ou interesses do grupo e também a determinadas características de seu âmbito particular, tanto físico como social.

Não mais é justificada uma posição de relativismo, pela realidade que possam ter alguns valores antagônicos nas situações especiais das comunidades sociais. Porém, subsiste a dúvida a respeito daqueles valores considerados universais e independentes do ambiente ecológico e do contexto social e cultural.

O estudo do indivíduo, da cultura e da sociedade, sejam eles efetuados sob o ponto de vista específico da Antropologia Social, ou daquele bem mais amplo e generalizador da Filosofia Social, nos levam à conclusão que todas as manifestações morais e éticas devem ser estudadas como objetos sociais e como componentes do sistema cultural, mantendo sempre a relação que existe entre a sociedade e a cultura. Se a ética pode ser entendida como a "teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade"; e ela constitui a "investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral, considerado porém na sua totalidade, diversidade e variedade"¹²; temos a evidência do caráter social da ética, por se manifestar fundamentalmente em sociedade, e por se referir a juízos morais, padrões de conduta e atitudes éticas dos homens, os quais dependem em grande parte de seu grau de desenvolvimento cultural, derivados das diversas experiências que são o resultado do processo de endoculturação. Isto é o que permite à cultura de determinada sociedade manter uma forma identificável que se transfere de geração em geração; onde seus membros aprendem suas lições culturais tão perfeitamente que, anos depois, a maior parte de sua conduta responde automaticamente aos estímulos culturais que possam afrontar¹³.

Os comportamentos éticos, os juízos valorativos, as normas morais, assim como os padrões de organização social, formam parte do contexto social e cultural dos povos. É válido seu estudo sob os parâmetros da Teoria Científica da Cultura, que nada mais é que o método científico aplicado ao estudo etnológico e sociológico das realizações dos homens.

BIBLIOGRAFIA

- BRADLEY, F. H. **Ethical studies**. 2ª edition, revised (additional notes), Oxford University Press, London, 1962, 307 p.
- FIRTH, Raymond. **Elementos de organização social**. Trad. O. Flaksman e S. Flaksman. Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1974, 274 p.
- FOOT, Phillips. **Theories of ethics**. Oxford University Press, London, 1974, 187 p.
- FOUILLÉE, Alfred. **Les éléments sociologiques de la morale**. 3^{eme} ed., Paris, Alcan, 1928, 379 p.
- HERSKOVITS, Melville J. **El hombre y sus obras**. Trad. M. Hernández Barroso, 3ª reimpresión, Fondo de Cultura Econômica, México, 1969, 782 p.
- HESSEN, Johannes. **Filosofia dos valores**. Trad. L. Cabral de Moncada, Livraria Acadêmica, São Paulo, 1946, 380 p.
- LECLERCQ, Jacques. **As grandes linhas da filosofia moral**. Ed. Herder, EDUSP, São Paulo, 1967. 328 p.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura**. Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1979, 210 p.
- MONTAGU, Ashley. **Introdução à Antropologia**. Trad. Octavio M. Cajado, Ed. Cultrix, São Paulo, 1972, 268 p.
- PELTO, Pertti J. **The study of Anthropology**. Ch. E. Merrill Books, Columbus, Ohio, 1965, 145 p.
- SÁNCHEZ Vásquez, Adolfo. **Ética**. 4ª ed. Trad. João Dell'anna, Civilização Brasileira, 1980, Rio de Janeiro, 267 p.

NOTA

- (1) FIRTH, Raymond. **Elementos de organização social**, p. 209.
- (2) SÁNCHEZ Vásquez, Adolfo. **Ética**, p. 229.
- (3) Idem, *ibidem*, p. 230.
- (4) HERSKOVITS, Melville H. **El hombre y sus obras**, p. 677.
- (5) MONTAGU, Ashley, **Introdução à Antropologia**, p. 131.
- (6) MALINOWSKI, Bronislaw, **Uma teoria científica da cultura**, p. 43.
- (7) MONTAGU, Ashley, *op. cit.*, p. 195.

- (8) MALINOWSKI, Bronislaw, **op. cit.**, p. 119.
- (9) SÁNCHEZ Vásquez, Adolfo, **op. cit.**, p. 121.
- (10) Idem, **ibidem**, p. 132.
- (11) MONTAGU, Ashley, **op. cit.**, p. 198.
- (12) SÁNCHEZ Vásquez, Adolfo, **op. cit.**, p. 11.
- (13) HERSKOVITS, Melville J., **op. cit.**, p. 678.